

voice while allowing other enunciative sources to be heard, even when they do not take the form of discourse” (p.95). A partir de tal reconhecimento, o livro destaca a necessidade de rearticular o modo e a voz na análise da focalização, por intermédio de uma abordagem mais unificada e integradora dos níveis narrativos. Especialmente por isso e pela sugestão de novos modelos de análise que relacionam percepção, cognição e expressão linguística/estilística, *Point of view, perspective and focalization* revela-se um importante contributo aos estudos narrativos e merece a atenção dos leitores.

Raquel Trentin Oliveira

BLAKE, DELEUZIAN AESTHETICS, AND THE DIGITAL

CLAIRE COLEBROOK

London, Bloomsbury Literary Studies, 2013

[1.ª ed., Bloomsbury Literary Studies, 2012]

200 páginas, ISBN 9781472523280

A potência de um estudo teórico se encontra menos no experimentalismo em categorizar *epistèmes* sobre uma poética insurgente do que, numa abordagem transdialógica, em perspectivar o legado ocidental sobre estética para, a partir disso, visitar os fundamentos da arte, num trabalho ao mesmo tempo de incorporação, desconstrução e ressignificação para significar o *isto* estético da contemporaneidade. Tal maturidade hermenêutica torna-se fecunda nas mãos de Claire Colebrook.

Autora de estudos como *New Literary Histories* (1997) e *Ethics and Representation* (1999), Colebrook apresenta em sua recente obra, *Blake, Deleuzian Aesthetics, and the Digital*, um ambicioso estudo sobre William Blake. Ao convocar seu repertório teórico, Colebrook não apenas ressignifica a poética blakeana, como repensa a estética, de modo a enlaçar a arte contemporânea que, de quando em quando, flerta com dígitos emergentes no contexto tecnológico computacional.

Ao trabalhar com a densidade hermenêutica de teorias estéticas e filosóficas consagradas – de Platão, de E. Kant, de M. Heidegger, de H. Arendt, de G. Deleuze e de F. Guattari –, o diferencial de Colebrook é fornecer o liame conceitual para se pensar uma estética do ‘dígito’. A autora opta por não se colocar na esteira de categorias experimentais, nas quais o ‘digital’ é erigido como o atual ‘tecnológico’. Sua obra convoca o legado sedimentado pela *sofia* ocidental para erigir um arco conceitual da arte capaz de abranger a antiguidade clássica e a contemporaneidade científica. Por esse caminho teleológico, a autora traz uma abordagem ímpar, profundamente contemporânea e madura.

Se a ilustração e diagramação da capa do livro – a trazer o modelo editorial da Bloomsbury – pouco sinalizam sobre o seu conteúdo, as informações carimbadas na contracapa situam o leitor com o estudo proposto. E é em tal texto, embora curto altamente contex-

tualizante, que se encontram as convocações propostas sobre o trabalho de Blake: “These three claims are explored through the concept of incarnation: the incarnation of ideas in words and images, the incarnation of words in material books and their copies, the incarnation of human actions and events in bodies, and the incarnation of spirit in matter” (COLEBROOK, 2013).

No prefácio são tecidos os quadros teóricos referenciais para que o leitor adentre a obra com maior propriedade hermenêutica. Nessa etapa, Colebrook se empenha em discutir os pólos sobre arte e estética que fomentam a sua tese. Nesse ponto, o prefácio coliga-se com um pensar característico do *Reversed Platonism*, que comporta o conhecimento sobre a aparição do ser enquanto regência política das dinâmicas do poder (Arendt).

A autora, de um lado, reconhece que Platão, sistematizando o fluxo das sensações e a síntese dos objetos presentificáveis (formas emergentes), instaura um mundo dual, ordenado em sua dimensão analógica (devir não conceitualizado) e em sua estrutura digital (o mundo do dígito, da potência encarnada em formas cognoscíveis e repetíveis). De outro lado, Colebrook valoriza, na tradição pós-kantiana, a sinalização de que a hermenêutica da presentificação é menos uma neutra aparição objetivável do que uma articulação comunicável de leis e categorias semânticas moduladas pela Cultura, e por isso adscrita política

e moralmente. Para si, o gesto iluminativo da arte é ser o espaço de respiração extra-ordinária que devolve o conhecimento e julgamento para as mãos substantivas do artista, reconhecendo neste o ponto originário da aparição *a-moral* das formas.

No entanto, por estarem adscritas a sistemas, as plataformas estéticas são primordialmente dígitos de re-codificação. Pois a arte, relembra Colebrook via Deleuze e Guattari, enquanto re-formas a intuir uma axiologia do não-visível, recupera um dado analógico para se pensar além das unidades de contagem e mensuração ordinárias. Talvez o grande problema da modernidade estética, argumenta em estado de hipótese Colebrook, seja a postura passiva do artista perante o já codificado. Esse fato solidifica uma estética do digital esvaziada de problematizações analógicas sobre o dígito que figura automatizado: “The artists arrives at a canvas that is already populated with figures, and this is because the world has already been synthesized” (ibidem, p. xiii).

Se por um lado Heidegger sinaliza que o *logos* enquanto metafísica da presença rege o patamar inaugural da experiência humana, por outro lado, Blake desafia o código encarnado como verdade, e reativa uma poética do fragmento onde o dígito – seja corpóreo, linguístico ou logopoético – encontra-se em desliz, em alerta. O Blake potencializado na obra de Colebrook, portanto, é aquele que resiste ao redu-

cionismo sistêmico e instiga uma outra forma do homem conjurar-se na mão do artista.

Numa mão, Blake aponta que a vida não pode ser a mera repetição de sombras e dígitos lógicos. Na outra mão – lembrando Deleuze, para quem o digital sempre foi o coração da estética – Colebrook enfatiza a aceitação pelo poeta das estruturas que compõem os códigos estéticos. Nesse ponto, a autora percebe que a relação entre a experiência fechada dos sistemas e a inocência de sondar os abismos do imanifesto formam um paroxismo de tendências contrárias, mas de forma alguma excludentes no poeta: “In Blake’s terms one might say that there is both the art of marking, tracing, sculpting, and binding (or experience’s world of repeated, already-known and fully actualized matters) and the destruction of any system with an influx of pure powers (or the openness of innocence)” (ibidem, p. xxv).

Conforme exposto no sumário, cada capítulo aborda um aspecto da poética de Blake para a aquisição da tese objetivada. É com a premissa, ao mesmo tempo fenomenológica e deleuziana, de que um corpo se abre para a alteridade a partir de um sistema (corpo/estética) habitado enquanto ‘material-memória’, que o presente texto avança.

O capítulo *Media, Mediation and Materiality* adensa as discussões sobre linguagem estética e mediação digital. No caso de Blake, o texto foca-se na desestruturação que o mesmo pro-

voca num sistema previamente definido. Colebrook defende que o método produtivo explorado pelo poeta – que inclui cartas, pintura, iconografia – narra o processo genesiaco de vir a ser dos corpos (*incarnation and embodiment*) e remodula as formas de trabalho com a linguagem. A escrita blakeana, assim, se constrói enquanto *techné* (digital alienation) e *prophecy* (analog genesis), na qual a gestão do digitalismo – rearticulação do dígito estético e de significações picto-textuais – se infiltram no coração de sua poética.

A obra de Blake se aproxima da arte sugestionada por Deleuze: um ato de diferenciação dos sistemas formais constituídos na cultura, e um espaço de iluminura para a geratividade do analógico não encarnado. Ambos elementos são sintetizados num tempo poético em estado puro, isto é, distante da metrificação temporal. Segundo Colebrook, a corporificação de figuras genesiacas ou bíblicas dramatizadas num tempo inaugural amplificam o seu tom profético.

Art and Life: Analog Language e *Incarnation* problematizam a identificação do *embodiment* com os dígitos. Por essa via, Colebrook aprofunda questões sobre a codificação da sociedade, dos organismos e dos órgãos, cujos processos atravessam a estética da arte. Para Colebrook, a busca de Blake não se encontra na substantivação romântica de uma dimensão analógica do *ser*, mas sim na manufatura de um alter-sistema de distinções estéticas e poéticas, que re- ou des-codifica os

perceptos culturalizados na lógica ocidental pós-platônica.

Desse modo, o conhecer e sistematizar se constroem como um *estar* do homem, consonante os meios e instrumentos de inscrição da sua ‘realidade-dígito’. Conforme relembra a escritora sobre os estudos de Deleuze e Guattari, embora a mão humana seja um motor sensorio de gestualidade e de contato do corpo com o externo a si, há diversos níveis de formalizações sígnicas e semânticas que separam a mão orgânica e territorializada do macaco da mão instrumental, digital e desterritorializada do homem (Deleuze and Guattari 2004, 68 apud COLEBROOK, 2013, p. 19). Sob essa convocatória, Colebrook traça um arco hermenêutico que entrelaça a digitalização inaugural da mão humana – aquela enquanto formal espaço habitacional do dígito matemático e da abstração dêitica – com a digitalização tecno-instrumental da mão que terceiriza operações. Essa recente hiperinstrumentalização, leva a pensar a autora, inscreve novos *perceptos* e dígitos sob um mundo cada vez mais em *mise en abyme*: “The invention of the printing press, photography, digitalization, cinema, file formats and new imaging technologies that enable ‘perceptions’ beyond those of the human eye” (ibidem, p. 18).

A mão do poeta, nessa óptica, encarna o traço *háptico* no qual o gestual estético do artista sente a matéria e a interroga sobre as formas do seu *ser*. Com isto quer-se dizer que a estética

háptica implica uma exploração sobre as atualizações da matéria para além dos dígitos ordienamente instituídos: “the voice of the poet is always a voice that opens to an infinity beyond chronological time, beyond the body – despite being always marked by previous systems” (ibidem, p. 21). No entanto, a voz do poeta enquanto poética necessita ser mais do que um suspiro de fluxo analógico, necessita de um corpo-dígito (*embodiment into repeatable form*) para suas configurações sintetizadas.

Para Colebrook, Blake é operador de um trabalho que, atento às formas como sistemas interrelacionados de organização, enfatiza o momento genésico e pré-sistêmico de configuração do mundo. Artista transversal e esteta dialógico entre o digital e o analógico, Blake sublinha que a falência da *poiesis* ocorre quando a matéria, se separando do seu vigor espectral analógico, manifesta um mundo nada mais do que algoritmo e dígito – talvez aí se encontra, insinua Colebrook, um dos desafios da arte na contemporaneidade.

Em *Force and Form* e *The Body of Work Beyond Good and Evil*, são exploradas as dimensões política e social na poética blakeana. Para Colebrook, o futuro profético de Blake se completa quando a performance accional de suas figuras, transcendendo a constituição política das discussões sobre o homem, viabiliza um espaço epistemológico original e desterritorializado que não mais se identifica com os dígitos gramaticais da política moderna. Desse modo, as

imagens do poeta se erigem não como modelos culturalizados, mas sim como fragmentos dramatizados da humanidade tanto na sua inscrição quanto na sua destinação profética. Conforme salienta a autora, as problemáticas do corpo político, da corporificação do feminino, da marcação gestual que cria gravuras e textos são questões que atravessam o processo de encarnação.

Por essa via de entendimento, rapidamente se percebe que a própria escolha dos meios e instrumentos de trabalho assentam em decisões atravessadas por fatores políticos. A operacionalização da arte enquanto estética individual agencia, irremediavelmente, uma *techné* regida por paradigmas sociais sobre estética, produção, reprodução e distribuição do objeto artístico.

Finalizando sua teorética sobre as operações blakeanas que transformam as relações entre origem, tempo e espaço, forma e matéria, analógico e digital em um complexo *drama* polifônico, Colebrook surpreende em seu derradeiro capítulo, *Life*, com a inauguração de uma topônima discursiva até o momento ausente. A questão do vitalismo e anti-vitalismo em Blake, a partir da discussão filosófica sobre imanência enquanto percepção pela consciência, assina com mestria o fechamento da obra. Ao lado de Heidegger e Foucault, a escritora problematiza a normalização de questões biopolíticas na contemporaneidade, pois, se desde Aristóteles o ‘homem’ é concebido por seu estatuto social (política), dimensão corpórea

(*bios*) e fluxo vital (*zōē*), o reducionismo geneticista ao complexo material (corpo) trata-se de uma das normatizações mais simplistas e autistas advindas no bojo da cultura tecnocientífica.

Em linhas gerais, a potência do vitalismo foucaultiano e bergsoniano, visitada por Colebrook, não se confunde com a antiga *ratio* aristotélica. Numa perspectiva transhistórica, o Blake de Colebrook recusa o ‘homem’ como tábula rasa, insistindo na potência da imaginação do dígito poético enquanto re- ou de- formador das grafias da terra, do *ente* e do *ser*: “For Bergson, life – in contrast with Freud – does not follow a trajectory of returning to quiescence, but is instead primarily explosive (Bergson 1931)” (*ibidem*, p. 112).

O Blake que surge nessas páginas – a caminhar entre a figura do profeta, do demiurgo-poeta e do esteta –, encarna um sistema sógnico de vida para além da matéria, do espírito ou da imanência. Não mais resultante de um poético subjetivismo apocalíptico, o Blake erigido é um esteta háptico que grafa texturas e preenchimentos das formas em processos de rasuras e reinscrições: “Against the normative image of life, [...] Blake writes about powers that are below and beyond the thresholds of the organism” (*ibidem*, p. 103).

Por fim, o legado de Colebrook não se encerra no redimensionamento da obra de Blake. Por suas vias teoréticas pós-estruturalistas, a autora oferece um importante legado aos estudos estéticos. Entrelaçando discussões sobre a

presença do dígito ‘virtual’ advindo da cultura tecnológica, a permear produções artísticas contemporâneas, a escritora recoloca no plano das análises poéticas o inegável contributo do percurso ocidental sobre física, metafísica, arte e estética para se consolidar uma discussão sobre o fazer artístico hoje.

Caio Di Palma

**EL GABINETE DE FAUSTO, “TEATROS”
DE LA LECTO-ESCRITURA A UN LADO Y
OTRO DE LA FRONTERA**

FERNANDO R. DE LA FLOR

e DANIEL ESCANDELL MONTIEL

Madrid, Editorial Consejo Superior de investigaciones científicas, 2014

271 páginas, ISBN: 9788400098049

A análise dos hábitos e modos de escrita poderá ser vista por alguns como uma ‘trivialidade’ mas, como disse Walter Benjamin, a «oficina de escrita» permite encontrar a «arqueologia do poeta» e é essa a tarefa deste livro, fazer uma arqueologia do escritório, através da análise dos espaços, objetos e ritos que a acompanham, conforme o título e os primeiros parágrafos desde logo explicitam. A personagem mítica de Fausto, o erudito que vendeu a alma ao diabo em troca do conhecimento total e dos prazeres do mundo, surge como ícone do homem de letras, recluso do seu labor num espaço denso e ritualizado. A primeira parte, da responsabilidade de Fernando R. de la Flor, analisa em

profundidade as complexas relações entre a escrita e os seus vários contextos materiais no mundo pré-digital, e organiza-se em quinze subcapítulos, cujos objetos se entrecruzam recorrentemente. Os subtítulos destes subcapítulos nem sempre são claros quanto aos seus conteúdos, sendo que é a organização textual espiralada desta primeira parte que leva o leitor a organizar as ideias-chave. A recorrência das referências ao pensamento e à obra de diversos autores canónicos e a escrita densa e poética de Fernando de la Flor são fatores que dão a este *Gabinete de Fausto* uma riqueza e profundidade particularmente evidentes. Sendo a “digitalização do mundo” relativamente recente, a primeira parte é significativamente mais extensa que a segunda, da autoria de Daniel Escandell Montiel e dedicada à escrita mediada por computador.

Fernando de la Flor começa por afirmar que a digitalização trouxe a perda de uma aura “depositada em objetos, espacios y mediaciones cuyo relieve físico inicia justo ahora su decadencia”. Se o leitor entender estas palavras como um bradar anti-tecnológico, rapidamente se desenganará: o argumento deste livro não passa por um posicionamento face ao digital mas pela análise objectiva das condições materiais de escrita. Essa tarefa é plenamente conseguida e, à medida que o autor avança na exposição, a pertinência das suas afirmações vai-se evidenciando: se as práticas de lecto-escritura são vertebradas por um desejo de *presença*,